

A SOCIEDADE UTÓPICA E A EDUCAÇÃO IDEAL

Thamiris Dias Vasconcelos¹, Conceição Solange Bution Perin², Raquel da Silva Pinto³

RESUMO

Qual seria a organização educacional ideal? Esse é o núcleo duro de muitas pesquisas em educação. A partir dessa indagação, emergem ramificações sobre a melhor metodologia de ensino, o material didático mais completo, em temas como: “a educação em período integral seria a saída para uma formação de qualidade?”; “Privatização da educação”; “democratização do ensino”; o que seria o ideal? Thomas More (1478 - 1535), no século XVI, já escrevia sobre o assunto, ainda que indiretamente. Em seu livro *Utopia*, More idealiza a sociedade perfeita, tendo como base uma educação virtuosa. No livro *Um de Utopia*, fica clara a intenção de More em descrever como uma crítica a uma sociedade oposta à Inglaterra do século XVI – na qual prevalecia a desigualdade social – e o que nos chama a atenção é que a base para a transformação social idealizada por More se dá, quase que exclusivamente, por meio da educação, ou melhor, da indissociabilidade entre o que hoje chamamos de Estado – Família – Sociedade. Após quinhentos anos, essa ainda é uma utopia para nós, Brasil do século XXI. É sobre a educação utópica de More que este artigo pretende tratar, qual a educação ideal na sociedade ideal? A pesquisa foi desenvolvida a partir de uma análise bibliográfica, sob os meios de compreensão que unem passado-presente-futuro, com o cuidado de não fazer analogia, mas sob a ótica da longa duração, identificando rupturas e continuidades históricas, levando em consideração o período e as exigências de cada um dos diferentes momentos com a formação de seus atores.

Palavras-chave: Educação, sociedade ideal, Utopia.

UTOPIAN SOCIETY AND THE IDEAL EDUCATION

ABSTRACT

¹ Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino: Mestrado em Formação Docente Interdisciplinar/PPIFOR - UNESPAR - Paranavaí - Paraná - Brasil. E-mail: thadvasconcelos@hotmail.com.

² Pós-doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Maringá - UEM e Estágio na Universidade de Salamanca - Espanha. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação - PPE - Universidade Estadual de Maringá - UEM e do Programa de Pós-Graduação em Ensino: Formação Docente Interdisciplinar - PPIFOR - Universidade Estadual do Paraná - UNESPAR - Paranavaí - Paraná - Brasil. E-mail: solperin01@gmail.com.

³ Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino: Mestrado em Formação Docente Interdisciplinar/PPIFOR - UNESPAR - Paranavaí - Paraná - Brasil. E-mail: raquelsilvapp@hotmail.com.

What would be the ideal educational organization? We can assert that this question is the hard core of most educational research currently underway. From this question, branches emerge about the best teaching methodology, the most complete didactic material, in topics such as: "would full-time education be the way out for a quality education?"; "privatization of education"; "democratization of teaching"; what would be the ideal? Thomas More (1478 - 1535), in the 16th century, had already written about the subject, yet indirectly. In his book *Utopia*, More idealizes the perfect society, organized by common work, by the equal sharing of the results of this work, by fair institutions, and based on a virtuous education. In book *One of Utopia*, Thomas More's intention is clear in depicting as a critic a society opposed to 16th century England - in which social inequality prevailed - and what draws our attention is that the basis for the social transformation envisioned by More takes place almost exclusively through education, or rather, through the indissociability in the educational treatment between what we now call State - Family - Society. After five hundred years, this is still a battle, still an utopia, at least for us, Brazil of the 21st century. And it is about this, about More's utopian education, that this article aims to address: what is the ideal education in the ideal society? The research was developed based on a bibliographical analysis, under the means of comprehension that unite past-present-future, taking care not to make analogies, but under the optics of long duration, identifying ruptures and historical continuities, considering the period and the requirements of each of the different periods with the education of its participants.

Keywords: Education, ideal society, Utopia.

INTRODUÇÃO

A cidade de *Utopia* (More, 2004) chama-nos a atenção, principalmente ao lermos a descrição de sua organização social, baseada em justos preceitos de trabalho e apropriação comum de suas produções. Tudo na sociedade ideal instiga-nos e faz-nos crer, ainda que intimamente, em uma organização social, se não semelhante, ao menos mais justa possível. Ainda que se trate de uma obra fictícia, *Utopia* (more, 2004) apresenta reflexões profundas acerca da ética e da moral empregadas nas instituições daquela sociedade. Tendo como pano de fundo a formação para o bem comum dos utopienses, analisaremos, adiante, como se dá a organização educacional em *Utopia* (More, 2004).

É importante salientar que o presente artigo não visa esgotar o assunto, tampouco afirmar que o modo como Thomas More narra a organização educacional em *Utopia* (2004) seja correto ou praticável em pleno século XXI, principalmente considerando que a descrição feita na obra não é detalhada e, portanto, aberta a

inúmeras interpretações. Esclarecido esse ponto, buscamos, com este estudo, apenas analisar a organização da educação nessa obra clássica, levando em consideração sua época de produção e seu contexto histórico que datam do século XVI. Para tanto, emprega-se como base teórica de análise a História Social, pela qual não cabem críticas ou analogias com a realidade do século XXI, mas, vinculada ao conceito de longa duração, permite identificar continuidades e rupturas, quer seja de pensamentos, quer seja de práticas semelhantes entre as duas realidades. A metodologia empregada foi a análise bibliográfica, sendo definida por se tratar de um estudo de revisão da literatura.

Atualmente, o discurso que trata a escola como a responsável pela formação para o mercado de trabalho tem ganhado força com o incentivo a cursos profissionalizantes de nível médio, e até mesmo com a vulgarização da formação oferecida no ensino superior, nos cursos à distância, principalmente, havendo graduações e pós-graduações com uma duração exponencialmente curta e preços impraticáveis – nos casos das universidades privadas – para se garantir uma formação acadêmica. Reforça-se, desse modo, a pouca importância dada à formação profissional, mas garante-se o treinamento dos estudantes, a formação do profissional “tarefeiro” e pouco reflexivo.

Apesar da crítica feita pelos educadores a essa concepção que se apresenta oposta à de que a escola forme, prioritariamente, o aluno de modo integral (cognitiva, afetiva, social e, só então, profissionalmente) percebemos a continuação histórica da formação para o trabalho, já que o trabalho é o motor da sociedade, mas sem a devida educação proposta conforme mencionada anteriormente. O que difere a formação profissional historicamente enraizada para os dias atuais está no modo como fora empregada nas diferentes épocas. Analisar, portanto, a formação humana de uma sociedade ideal permite-nos compreender o que se perpetua e o que se descaracterizou do ideal na sociedade contemporânea, pois “[...] o interesse no passado está em esclarecer o presente; o passado é atingido a partir do presente” (Le Goff, 2013, p. 15).

A descrição da ilha de *Utopia* (More, 2004) inicia-se, tão logo, fazendo menção à educação empregada por Utopus que ao chegar às terras de Abraxa, como era

chamada a ilha antes de receber o nome de seu conquistador, encontrou um povo grosseiro e selvagem e, após sua posse, transformara Utopia, até então nominada Abraxa, em “[...] uma nação que supera quase todas as outras pela cultura e civilização” (More, 2004, p. 48). É notório, já nas primeiras páginas do Livro Dois, *A Ilha de Utopia*, que, na sociedade ideal, preocupavam-se demasiadamente com a formação integral do indivíduo, isto é, buscavam formar o cidadão utopiense moral, intelectual e tecnicamente. Para dar vazão a um plano tão ambicioso, a educação formal nas escolas e cursos públicos, o incentivo à cultura e à educação familiar, inclusive a formação religiosa, andavam juntos.

Ao longo da narrativa, Rafael Hitlodeu, personagem de um marinheiro português idealizado por More para descrever a sociedade ideal, vai deixando claro em seu discurso como a vida cotidiana em Utopia molda, ainda que implicitamente, a educação das crianças e jovens. Na Ilha, além da profissão individual, um ofício que caracteriza a família⁴, a que cada pessoa deve aderir geralmente, mas não como regra, os habitantes desenvolvem uma competência comum a todos os cidadãos de Utopia: a agricultura. Para o exercício desse trabalho, não há distinção entre homens, mulheres ou crianças, todos devem dedicar-se à produção dos alimentos. Os conhecimentos empregados na agricultura são ensinados nas escolas, levados à campo e desenvolvidos no cotidiano.

Vale ressaltar que os professores tendem a ser os sacerdotes, evidenciando a formação religiosa incutida no processo educativo. Salienta-se, portanto, a indissociabilidade entre família, escola e prática social. Desse modo, analisaremos a educação utopiense a partir de seus aspectos éticos, morais, intelectuais e técnico (para o trabalho), ou seja, a formação integral do cidadão.

⁴ “Em geral, por natural propensão, os filhos são treinados para a profissão do pai, mas se acaso mostram preferência por outro ofício, podem ser adotados por outra família que exerça esse ofício” (More, 2004, p. 56).

DESENVOLVIMENTO

A organização da sociedade em Utopia, baseada no trabalho e apropriação comum da produção social, é construída sobre fortes bases morais e éticas, sendo que a educação dessa civilização ultrapassa as paredes das escolas, e é desenvolvida no cotidiano. No dia a dia, e em comunhão com os outros, é que esses indivíduos são formados, e as bases educacionais são culturais, antes de serem institucionais. Na sociedade idealizada por More, o apreço pela cultura é, também, um bem comum, “entre todos os diferentes tipos de prazer, os utopienses buscam os do espírito, que consideram como os mais importantes, porque a maioria deles provém da prática das virtudes e da consciência de uma vida bem vivida” (More, 2004, p.85).

O respeito pelo trabalho e o apreço pelo bom exemplo são explicitados desde a conquista de Utopia. A Ilha de Utopia, como apresentada, fora criada há cerca de 1760 anos⁵. A ilha, antes da posse de Utopus, era uma grande extensão de terra. Foi o conquistador quem mandou abrir um canal pelo qual a terra se unia ao continente, fazendo com que o mar a cercasse, transformando-a na Ilha. No entanto, o que vale ressaltar desse acontecimento é como se deu o trabalho dos homens para a transformação.

Utopia não foi descoberta por Utopus, foi conquistada por ele, ou seja, havia nativos nessas terras. Para o empreendimento de seus planos, inclusive da transformação de Utopia em ilha, os nativos foram empregados em suas obras, mas não como escravos, ainda que sob o jugo de serem colonizados. More (2004, p. 48) afirma que

[...] para fazer isto, não usou somente o trabalho dos nativos; juntou a eles todo o seu exército, evitando assim que o trabalho lhes parecesse humilhante. Contando com um número tão grande de pessoas, a obra foi feita com incrível rapidez [...].

É notório, portanto, que, desde os primórdios da Ilha, o apreço pelo trabalho e o respeito pelo trabalhador, ou seja, pelo produtor da vida material, são princípios

⁵ More, 2004, p. 53.

fundamentais para seus habitantes, tais princípios foram apenas sendo transmitidos às gerações futuras, o que ocorreu de todas as formas possíveis, desenvolvendo, nos moradores, a cultura utopiense.

A passagem apresentada anteriormente merece um apêndice por fazer menção a um assunto delicado, a colonização. No Livro *Um, More* começa a narrar sua história a partir do contato que tem com Rafael Hitlodeu, personagem que vivenciou a descoberta do Novo Mundo, viajando com Américo Vespúcio. Sabendo que as colonizações não foram pacíficas, devemos reiterar que a romantização da colonização de Utopia por Thomas More evidencia a visão de um autor que, apesar de crítico à sua realidade, estava nela inserido, e não tinha meios para analisar conscientemente o quão cruéis seriam, de fato, as colonizações europeias. Em *A vida social e econômica dos utopienses*, More (2004, p. 62) afirma que,

Os nativos que desejam viver junto com os colonos utopienses são aceitos. Quando ocorre esse tipo de associação, gradualmente os dois povos se fundem num só, compartilhando o mesmo modo de vida e os mesmos costumes com vantagens para ambos.

Ainda que os nativos tivessem a oportunidade de viver em comunhão com seus colonizadores, caso eles não os aceitassem, uma guerra era iniciada, retratando, assim, que, embora considerada uma sociedade justa, More, levando em consideração o seu ideal de sociedade, acaba por ceder à injustiça ao impô-la aos demais povos como o ideal para eles também. Temos, portanto, a romantização da colonização ou do olhar de um chanceler de país colonizador, ainda que esse estivesse idealizando uma sociedade justa e igualitária. Apesar disso, estudamos um homem dentro de sua realidade – privilegiada, é claro – e seu tempo.

Fechado o apêndice, como mencionado anteriormente, em *Utopia*, além da profissão particular desenvolvida por cada indivíduo que, geralmente, segue os passos dos pais e, por isso, têm-se as famílias de ferreiros, tecelões, carpinteiros etc., os cidadãos desenvolvem a agricultura como ofício comum a todos.

Todos são instruídos na arte da agricultura desde a infância. Na escola, é ensinada a teoria e, em passeios recreativos pelos campos vizinhos

da cidade, são realizadas atividades na forma de jogos que ensinam a prática. Nesses passeios, as crianças não somente podem observar o trabalho, mas também podem, frequentemente, pôr-se a trabalhar de fato exercitando assim seus músculos (More, 2004, p. 55-56).

More deixa claro o compromisso da escola com a formação intelectual e com a prática social das crianças e jovens. Os alunos aprendem o conteúdo científico pertinente à compreensão do desenvolvimento biológico do que está sendo semeado, e vão a campo colocar em prática e/ou acompanhar, na prática, o que lhes fora teorizado, dando vãsão à *práxis*⁶. Tendo em mente que o trabalho comum é um dos eixos norteadores da vida em Utopia, é natural que a escola, além de trabalhar os conteúdos científicos, as letras e as artes, trabalhasse a formação técnica profissional.

Esse excerto evidencia, com séculos de antecedência, o que viria a ser expresso por Althusser em seu livro *Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado* (1970), em que diz que a escola é o principal aparelho de reprodução das relações sociais estabelecidos na sociedade. De modo ainda mais recente, podemos citar os documentos oficiais que norteiam o trabalho educativo em nosso país, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), por exemplo, que, visando uma formação profissional, estabelece diretrizes técnicas, voltadas à valorização da prática, ainda que, atualmente, isso signifique o detrimento dos conteúdos teóricos-científicos.

A grande diferença encontra-se nos propósitos do que More considera ideal e o que nos é imposto a partir da globalização capitalista, evidenciando, portanto, a descaracterização do ideal formador ao longo do tempo. Em Utopia, são desenvolvidas nos alunos as relações de produção da vida material desde a infância. Porém, ao contrário da formação aligeirada e voltada especificamente ao treinamento mercadológico da sociedade globalizada do século XXI, a formação profissional em Utopia visava à formação completa dos cidadãos, tendo o trabalho como indispensável à manutenção da vida, mas não como superior às demais competências.

Os professores em Utopia são os sacerdotes, isso significa que, além da formação intelectual, as crianças e jovens utopienses recebem, diariamente, uma

⁶ Relação dialética entre teoria e prática.

formação moral. Apesar disso, na Ilha prevalece a laicidade, sendo proibido, apenas, o ateísmo, já que a crença em algo superior ao mundo material é uma forma de preservar nos homens a busca pela virtude, com vistas a alcançar recompensas vindouras. Sendo assim, a não crença em algo além da vida terrena levaria o homem a viver para a satisfação de seus prazeres sem, com isso, medir as consequências de seus atos. Evidente que a prudência gerada pelos dogmas religiosos é um importante meio de controle de conduta dos cidadãos:

Os sacerdotes são também responsáveis pela educação das crianças e dos jovens. O aprendizado de boas maneiras e de moral é considerado como tão importante quanto o conhecimento. Desde o início, procuram inculcar na mente das crianças, cuja alma é ainda tenra e dócil, princípios que serão úteis à preservação da comunidade. Aquilo que é plantado na mente das crianças continuará vivo na mente dos adultos e torna-se de grande valor para o fortalecimento da comunidade: o declínio das sociedades pode sempre ser traçado a partir dos vícios que emergem de atitudes erradas (More, 2004, p. 121).

Em Utopia, a gestão do tempo empregada para a formação do cidadão é livre, mas incentivada ao cultivo da cultura e de bons hábitos. O trabalho, na sociedade ideal, é organizado em seis horas diárias, sendo divididas em três horas no período da manhã, seguidas de três horas após o almoço (período da tarde). O tempo livre entre o trabalho, as refeições e o descanso, é empregado da forma como o cidadão julgar melhor.

Em geral esse período é dedicado a alguma atividade intelectual. Na verdade, há o costume de assistir palestras públicas antes do amanhecer. A presença nessas palestras é obrigatória apenas para aqueles que se dedicam especificamente ao estudo; no entanto, muitas outras pessoas, homens e mulheres de todas as condições, comparecem voluntariamente. Dependendo de seus interesses, as pessoas assistem a uma ou outra palestra (More, 2004, p. 57).

O trabalho na Ilha é dividido entre o que o autor chama de ofício útil para a produção da subsistência e o trabalho dos intelectuais (os estudos). Aqueles que se dedicam unicamente aos estudos, sendo liberados do trabalho produtivo, são escolhidos dentre os cidadãos pelos sacerdotes e por meio de voto secreto entre os

chefes de famílias (sifograntes). Esses indivíduos, dedicados às ciências e as artes serão, posteriormente, destinados aos cargos de magistratura de Utopia, ou seja, dentre eles serão escolhidos os sacerdotes (que são também professores), os traníboros (magistrados responsáveis por um grupo de dez sifograntes com suas respectivas famílias) e os príncipes. Nota-se, portanto, a importância da educação de seus líderes. Vale ressaltar que, caso tenha, entre os trabalhadores, aquele que se destaque nos estudos, este pode ascender à classe dos letrados, da mesma forma que aquele que outrora fora escolhido para dedicar-se aos estudos, demonstrando desinteresse pelo ofício, deverá voltar-se ao trabalho comum.

No ideal formador de Thomas More, a educação intelectual destinada, sobretudo, aos magistrados, capacita o indivíduo para a liderança e, conseqüentemente, a partir dos ideais utopienses, desenvolve qualidades dignas de reprodução, visto que o ensino fica a cargo dos sacerdotes (que lideram a formação do cidadão utopiense); a responsabilidade por grupos extensos de famílias fica sob responsabilidade dos traníboros; e a responsabilidade pelas cidades da ilha, a cargo dos príncipes.

É interessante salientar a formação comum ofertada aos cidadãos, e a valorização do conhecimento para aqueles que se dedicam a profissões de formação humana. Utopia fora escrita como uma crítica à sociedade inglesa de Thomas More, em contrapartida aos tronos herdados pelo berço. More idealiza uma sociedade coerente na qual o príncipe seja escolhido entre os mais sábios e dedicados cidadãos (que, inicialmente, recebe a mesma educação que os demais habitantes, a educação comum a todos). A formação intelectual destinada como ofício aos futuros sacerdotes, príncipes e magistrados demonstra a necessidade de formação cultural e intelectual para gestar a ilha justa e ideal. É possível notar, na narração de Rafael Hitlodeu, a inclinação natural, ou, melhor dizendo, a inclinação cultural que esses cidadãos têm à formação intelectual.

Apesar da beleza da narrativa, neste ponto, assim como quando falamos sobre as colonizações empregadas em Utopia, vemos uma contradição no que é proposto pelo próprio autor. Thomas More idealiza a sociedade ideal, onde não há distinção de

“classes” como conhecemos hoje em dia. No entanto, não conseguiu superar as divisões de poder – considerando a submissão dos colonizados pelos colonizadores – e a divisão do trabalho manual e do trabalho intelectual, dependendo para o desempenho deste último, esforço e interesse por parte do cidadão. Assim como na Utopia do século XVI, em nossa sociedade do século XXI, não podemos desconsiderar a responsabilidade dos indivíduos por sua formação. Tratar dessa responsabilização pessoal pela formação humana e acadêmica no campo da formação de professores é tratar na fonte o problema do treinamento profissional em detrimento da formação profissional.

Ainda que sejamos regidos pela organização social neoliberal, o trabalho contra-hegemônico começa pela educação, e essa deve ser orientada por profissionais críticos e reflexivos, que instiguem os alunos a questionar. Para tanto, o professor precisa ter responsabilidade com sua formação. A trivialização dos cursos superiores, o sucateamento da educação pública, a precarização do trabalho docente, não podem extinguir do professorado a responsabilidade com a formação continuada. Dentre os diversos obstáculos impostos pela organização social capitalista, é no trabalho individualizado de cada professor que vamos desconstruindo a realidade imposta e lutando contra as desigualdades sociais, mas, para tanto, precisamos assumir a responsabilidade com nossa formação, a responsabilidade com nossa luta. Percebendo que, nem mesmo em uma sociedade idealizada para a perfeição, conseguimos alcançá-la, é urgente assumirmos nossa responsabilidade com a luta em prol do bem comum, que começa dentro da sala de aula com a emancipação dos nossos alunos, e que, conseqüentemente, só é possível com uma formação sólida dos professores.

Em Utopia, a cultura de apreço pelo intelecto e pela moral é evidenciada em diversos momentos, inclusive nos momentos de descontração, quando os habitantes, após a ceia, dedicam-se a atividades recreativas como a música ou jogos educativos (dentre eles, um jogo de batalha dos números, e uma batalha em que se defrontam os vícios e as virtudes).

O principal objetivo de sua constituição é garantir que, desde que o bem público o permita, os cidadãos sejam livres, tanto quanto possível, para deixarem de gastar seu tempo e suas energias com as

necessidades corpo e dedicarem-se à liberdade e à cultura do espírito. É nisto que consiste, segundo os utopienses, a verdadeira felicidade na vida (More, 2004, p. 61).

Assim como acontece exclusivamente nas escolas atualmente, nas quais tudo é organizado com vistas a educar de alguma forma, tudo em Utopia educa, toda a sociedade, e não só a escola é responsável pela educação das crianças e jovens, o que justifica uma cultura forte e bem estabelecida na Ilha, e fraca e um tanto decadente em nossa sociedade, uma vez que a escola luta, na maioria das vezes, sozinha, na batalha por uma educação integral. Fora dos muros de nossas escolas, e até mesmo em sala de aula, digladiamo-nos com a cultura digital que, com uma excepcional força educativa, segue o caminho oposto, incentivando o que More chamaria de vícios, além do pouco tempo ou condições das famílias em acompanhar o desenvolvimento das crianças e jovens. Temos hoje a dupla função escolar, ensinar e educar (cognitiva e moralmente), muitas vezes sem apoio e incentivo social e familiar.

Com o intuito de ilustrar a afirmação feita anteriormente, de que é no desenrolar da vida cotidiana que a cultura utopiense é transmitida de geração em geração, destaca-se um aspecto interessante da organização estabelecida pelos cidadãos de Utopia durante as refeições. Para o almoço e jantar, os utopienses reúnem-se em refeitórios comunais, onde sentam-se

[...] grupos de convivas mais jovens, em seguida, outro grupo de convivas mais velhos, e assim sucessivamente. Dessa forma, na mesma casa, reúnem-se pessoas da mesma idade, ao mesmo tempo que se misturam diferentes gerações. (More, 2004, p.66).

Essa organização durante as refeições justifica-se na intenção de fazer com que o respeito devido à dignidade dos mais velhos iniba os comportamentos imprudentes e levianos dos mais jovens. O mesmo acontece dentro dos templos, onde a ordem determinada para a disposição das pessoas tem semelhante finalidade com os objetivos usados para designar os lugares dos cidadãos nos refeitórios, ou seja, inibir comportamentos impróprios que comprometam a internalização de preceitos virtuosos.

Ao entrar no templo, os homens se dirigem para o lado direito e as mulheres para a esquerda. Tomam seus lugares de modo a que os filhos fiquem sentados em frente dos chefes de família, enquanto a mãe de família posta-se em frente das filhas e das mulheres de sua casa. Graças a essa precaução, o comportamento em público de todos pode ser observado pelas mesmas pessoas que têm a autoridade e a responsabilidade de dirigir seu comportamento em casa. Cuidam, atentamente, para que os mais jovens estejam sempre em companhia dos mais velhos, uma vez que se as crianças fossem deixadas em companhia de outras crianças, iriam desperdiçar com brincadeiras infantis tolas esse tempo que deveriam empregar no desenvolvimento de sua fé, que é o mais forte, senão o único, estímulo para a virtude (More, 2004, p. 124-125).

Outro aspecto importante no trato da manutenção das boas virtudes durante as congregações é que os utopienses se aproveitam da reunião durante as refeições para o debate de alguma leitura importante, a fim de conhecer, a partir da troca de ideias, as opiniões dos jovens acerca de determinados assuntos (analisando seu caráter e qualidades).

Os utopienses não conhecem a propriedade privada, nem o dinheiro. Como dito anteriormente, é uma sociedade organizada sobre os preceitos de trabalho e apropriação comum da produção social, ou seja, todos os habitantes produzem tudo de que precisam para a manutenção da vida em Utopia, e todos usufruem do que é produzido sem precisar pagar por isso. Resultado dessa organização social é uma população educada para a valorização do trabalho, das virtudes e dos bons comportamentos, coisas que, realmente, têm valor para se viver em comunidade. Os utopienses não entendem o amor ao ouro e à prata, inclusive, consideram que o ferro deveria ter mais valor que esses, já que é muito mais útil. Não conseguem compreender a submissão e adoração das pessoas a outros indivíduos pelo simples fato de possuírem riquezas, visto que esse não dividirá seu tesouro com eles, pensamento derivado da formação moral, voltada ao desenvolvimento de virtudes que visam o bem comum.

Eles devem essas ideias e outras mais em parte à formação que recebem em seu país, cujas instituições são inteiramente opostas a esses absurdos, e também ao estudo e à leitura de bons livros. Muito

embora sejam poucos os que, nas cidades, são dispensados dos trabalhos manuais para se consagrarem exclusivamente aos estudos (somente aqueles que deram mostras, desde a infância, de grande inteligência e destacado gosto pelos estudos), todas as crianças são iniciadas na boa literatura e a maior parte do povo, homens e mulheres, dedicam suas horas de lazer à leitura ao longo de toda a vida (More, 2004, p. 75).

Em Utopia, os habitantes têm verdadeira sede por conhecimento, e More destaca essa dedicação ao intelecto ao longo de todo o livro. Apesar de produzir tudo de que precisam para viver e possuir riquezas suficiente para que não precisem sair do país para tratar de suas exportações, os utopienses fazem questão de fazê-lo pessoalmente, pois, nessas viagens aos países vizinhos, podem adquirir conhecimento sobre as diversas culturas e modos de viver. Além disso, recebem todos os visitantes com entusiasmo, pois encontram neles uma fonte de conhecimento sobre o mundo fora de Utopia. A dedicação à educação pode ser verificada na passagem a seguir, em que Rafael Hitlodeu trata dos conhecimentos desenvolvidos pelos utopienses que se igualavam aos dos grandes filósofos gregos:

Antes de nossa chegada, eles nunca tinham ouvido falar de nenhum dos filósofos tão famosos em nosso mundo. Apesar de tudo, na música, na dialética, na aritmética, na geometria, realizaram, mais ou menos, as mesmas descobertas de nossos grandes homens. [...] Graças à longa experiência na observação, são capazes de prever as chuvas, os ventos e outras mudanças do tempo. No entanto, se lhes perguntarmos sobre as causas do tempo, das marés e da salinidade das águas do mar, ou da origem e da natureza do céu e da terra, apresentam várias opiniões. Geralmente tratam desses assuntos da mesma forma como o faziam nossos filósofos antigos e, como eles, discordam uns dos outros e são incapazes de chegar a um entendimento sobre uma teoria geral própria aceita por todos (More, 2004, p. 75-76).

Não obstante, os utopienses são, desde cedo, iniciados nos exercícios militares, a fim de estarem preparados para a guerra, em caso de invasão. Utopia usa todos os recursos que possui para evitar guerrear e, ainda quando inevitável, contrata homens (bárbaros) para tal missão, no entanto, se suas terras forem invadidas e seus cidadãos forem obrigados a lutar, é essencial que estejam preparados para o embate, e entreguem a vida em defesa da pátria.

O perfeito conhecimento que possuem da arte da guerra lhes dá uma confiança adicional e a formação patriótica que tiveram desde a infância, tanto por meio da instrução, quanto do exemplo, reforça sua coragem (More, 2004, p.109).

Educar para o bem comum não é uma tarefa simples, não é apenas desenvolver desde a tenra idade o amor ao próximo e ao seu país. Educar para o bem comum exige, sobretudo, sufocar no sujeito o egoísmo e o individualismo. Sabendo da complexidade dessa tarefa, os utopienses não delegam a educação dos seus unicamente à escola, mas assumem o compromisso de toda a sociedade com a educação dos cidadãos, e é nesse ponto que se baseia a indissociabilidade entre escola, família e prática social.

Quando a nossa Constituição Federal (1988, p.123) apresenta, em seu art. 205, que a educação “direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”, parece-nos uma realidade distante, e até inconcebível em certos pontos, no entanto, podemos entender, na organização de Utopia, ainda que de modo abstrato, como seria esta comunhão: Estado-Família-Sociedade.

Apesar de se tratar de uma obra de ficção, levando em consideração o período histórico vivido pelo autor, sem a intenção de comparar períodos, mas, ainda assim, percebendo algumas semelhanças com nossa realidade, podemos absorver, sobretudo, no campo da educação, a importância de uma sociedade comprometida com a educação das crianças e jovens. Percebe-se que, para More, o bem comum, a sociedade justa está estabelecida sobre o pilar educacional, tanto do seu povo quanto, e principalmente, de seus líderes. Analisando a organização social de Utopia, chegamos à conclusão, mais uma vez, que a manutenção da ignorância está voltada à manipulação de poucos que, longe de ter aspirações coletivas, tendem a governar para si e para os seus, unicamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educação de Utopia, organizada em prol do bem comum, efetivando-se não só dentro da escola, mas, sobretudo, nas relações sociais estabelecidas fora dela, evidencia o que talvez seja um dos principais males da educação contemporânea, a responsabilização unicamente escolar pelo desenvolvimento social. More demonstramos, por meio de uma obra fictícia, que é por meio do trabalho conjunto que se desenvolve a sociedade ideal. Esse trabalho comum envolve uma escola comprometida com a erudição, a cidadania e o trabalho; uma organização social em que as famílias assumam sua responsabilidade com a formação moral de seus membros; e uma sociedade que não admita vícios, ociosidade ou injustiças (principalmente por parte de seus líderes, que deveriam ser exemplos de integridade e honra). Uma organização social de fato, utópica, visto que passados quinhentos anos ainda não a alcançamos.

Com o intuito de analisar o êxito educacional na sociedade ideal de Utopia, concluímos que, apesar de se tratar de uma organização imaginária, e como o próprio nome diz, inalcançável, ela põe em prática o que está previsto em nossa legislação há mais de trinta anos, a indissociabilidade entre Estado-Família-Sociedade, que são os pilares para uma educação transformadora. Temos aqui uma noção do atraso a que estamos submetidos, já que More considerava o tripé Estado-Família-Sociedade no século XVI, e esse só foi previsto em nossa Constituição há pouco mais de três décadas, e não se efetivou até os dias atuais.

Thomas More, chanceler inglês, comprometido com a educação dos filhos e, inclusive das filhas – demonstrando um espírito progressista –, foi capaz de ultrapassar as barreiras impostas pelo seu tempo e enxergar a incoerência na organização social de seu país. Aliás, indo além da crítica superficial, organizou, ainda que de modo simplista, como seria uma sociedade justa e coerente, deixando registradas suas concepções e propagando um pensamento social transformador. Ao tratarmos de Utopia, e de Thomas More, tratamos de séculos distintos, de um sistema econômico distinto (período de transição, crise do feudalismo, ascensão do capitalismo

mercantil) e já sabíamos que a transformação social viria por meio da educação e do conhecimento.

Por que é que a educação continua em crise, então? Por que é que não tem seu lugar e papel estabelecidos de modo inegociável em toda a sociedade? Por que é que a educação nunca foi prioridade? Justamente, porque é libertadora e, assim sendo, não deixa espaço para a exploração de uns sobre os outros. More mostra-nos que a valorização da educação não é resultado de uma sociedade justa e igualitária, mas que uma sociedade justa e igualitária é resultado de uma educação intelectual, moral, e social bem estabelecida. Por esse motivo, talvez, não tenhamos alcançado ainda a sociedade ideal.

A história social permite-nos entender o presente analisando o passado. Depois de quinhentos anos, ainda temos as escolas, os professores, a educação, de modo geral, secundarizados na sociedade individualista, a qual jamais conseguimos superar. Nossa realidade piora quando, além de secundarizada, a educação passa a ser criminalizada ou desconsiderada, quando a emancipação intelectual é considerada doutrinária ou subversiva. Após quinhentos anos de Utopia, as virtudes utopienses parecem-nos, ainda, mais utópicas.

Chegamos à conclusão, portanto, que, passados quinhentos anos de Brasil, quinhentos anos de Thomas More, quinhentos anos da descoberta do segredo para se estabelecer a sociedade ideal, Darcy Ribeiro (1986, p. 10) estava certo ao afirmar que, “a crise educacional do Brasil da qual tanto se fala, não é uma crise, é um programa. Um programa em curso, cujos frutos, amanhã, falarão por si mesmos”. Assim, estamos colhendo esses frutos, frutos da desigualdade, da injustiça, da fome e, mais recentemente, como nunca se havia visto, frutos da ignorância generalizada.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado**. Lisboa: Editorial Presença, 1970;

BRASIL, Constituição (1988). **Constituição da república federativa do Brasil**. Brasília, DF: Centro Gráfico, 1988.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 7º ed. Revista – Campinas, SP: Editora Unicamp, 2013.

MORE, Thomas. **Utopia**. Brasília: Editora Universidade de Brasília: Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais, 2004.

RIBEIRO, Darcy. **Sobre o óbvio**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.